

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-2 – ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

O OBJETO DOCUMENTAL, UM TESTEMUNHO DA NOSSA EXISTÊNCIA

Andréa de Britto - Universidade de São Paulo (USP)

Marilda Lopes Ginez de Lara - Universidade de São Paulo (USP)

THE DOCUMENTAL OBJECT, A TESTIMONY OF OUR EXISTENCE

Modalidade da Apresentação: Pôster

Resumo: Os objetos podem ser documentos capazes de atestar nossa vida. Dentre as muitas observações sobre os artefatos do dia a dia, uma é a do testemunho, quando o objeto é tomado como referência das culturas das quais se originou. Via conservação e descrição das peças o objeto torna-se um ícone de representação, um sistema de signos que pode indicar, dentre outros aspectos, o estilo de vida, a posição social de seu proprietário e a época em que foi construído e utilizado. Para alcançar esse estado e antes de ser objeto de conservação, deve-se decidir sobre sua escolha e sobre como e porque, deve ele ser preservado. Enquanto objetos etnográficos, após serem recortados do seu local de origem, são ressignificados no museu, passando por processamento e análises específicas, que os tornam também veículos de informação. As peças desse modo, continuam a fazer história, agregando informações que constituem seu referencial biográfico. Os procedimentos de organização e representação da informação e a pesquisa de seus referenciais, constituem assim os mecanismos que garantem por meio da descrição e da representação a transformação dos objetos em testemunhos do nosso percurso e que, de certa forma, respondem pela representação, para o futuro, da vida que vivemos e das produções que realizamos.

Palavras-Chave: Objeto Documental; Documentação em Museus; Informação em Museus.

Abstract: The objects can be documents capable to certify our life. Amongst the many comments on the devices day to day, one is of the certification, when the object is taken as reference of the cultures from which if it originated. It saw conservation and description of the parts the object becomes an icon of representation, a system of signs that can indicate, amongst other aspects, the style of life, the social status of its proprietor and the time where it was constructed and used. To reach this state and before being conservation object, it must be decided on its choice and on as and because, it must be preserved. While ethnographics objects, after to be cut of its place of origin, are ressignification in the museum, passing for processing and specific analyses, that also become them information vehicles. The parts in this manner, continue to make history, adding information that constitute its biographical reference. The procedures of organization and representation of the information and the research of its references, constitute thus the mechanisms that guarantee by means of the description and of the representation the transformation of objects in certifications of our passage and that, of certain form,

answer for the representation, for the future, of the life that we live and the productions that we carry through.

Keywords: Documentary Object; Documentation in Museums; Information in Museums.

1 INTRODUÇÃO

Ao produzir seus utensílios do cotidiano, os humanos inscrevem seus traços culturais e transmitem suas mensagens através da cultura material. As culturas só puderam ser identificadas, ao longo da história, através de estudos sobre a forma de se processar a matéria-prima e o modo de se confeccionar um determinado objeto. Do mesmo modo conhecemos seu uso por meio dos testemunhos que coletamos e reunimos no museu.

“Os estudos de cultura material e as instituições museológicas estabelecem laços de cumplicidade e de dependência que têm sido visíveis por intermédio da complexidade das análises e da produção científica correspondente” (BRUNO, 2009, p. 19). É possível dizer que através das instituições museológicas são acessadas informações contidas nos objetos, o que os transformam em referências materiais.

O objeto é para o museu o documento a ser analisado, estudado, pois dele são extraídas as informações que compõem o processo documental descritivo. Essas informações constituem os registros que reúnem aspectos que servirão para a identificação das peças e para a disseminação das informações sobre elas.

O status de objeto musealizado causa uma ruptura do objeto com o seu ambiente original e agrega uma nova composição informativa à peça, uma historicidade que comporá o traço biográfico do objeto desde sua coleta no local de origem. Procuramos neste texto observar o objeto de museu e sua transformação como testemunho.

2 O OBJETO DOCUMENTO PARA O MUSEU

A definição ampla de documento de Paul Otlet, permite compreender praticamente “tudo” como documento, definição essa que é tomada por Suzanne de Briet que considera documento “qualquer índice concreto ou simbólico, preservado ou registrado para representar, reconstruir ou demonstrar um fenômeno físico ou intelectual” (SMIT, 2008, p. 13, citando Suzanne de BRIET). Dessa afirmação poderemos verificar que os objetos podem ser documentos em distintas facetas: como suporte de informação, como meio que transmite uma mensagem, como algo que testemunha ações do cotidiano. Para Lund (2009, p. 29), “o documento é a

expressão simbólica abstrata que pode ser fisicamente fundamentada várias vezes e em várias mídias”, ou seja, contempla tanto os objetos físicos quanto os virtuais.

Quando observamos o museu, vemos que o documento se apresenta enquanto elemento tridimensional. Através dele pode ser acessada uma gama de informações, visto que, “todo objeto tem em si uma profundidade metafórica, remetendo a um significante” (BARTHES, 1996, p.3). Através da cultura material é possível levantar análises sobre hábitos culturais.

O objeto retirado do seu espaço originário, ao ser inserido no museu, passa a ser testemunho de uma determinada realidade, o “museu é essencialmente uma forma institucionalizada de transformar o objeto em documento” (MENEZES, 1994, p. 31). A peça ao adentrar o espaço do museu ganha status, adquire uma mágica que a torna, de algum modo, ‘eterna’, como uma forma de ser inserida ao ‘Olimpo’ do universo das ideias e da contemplação.

“A civilização da informação e da comunicação escolhe, como referência para sua memória, o museu” (CRIPPA, 2016, p. 150), destacando-se a substituição de interesses do espaço museu, na medida em que “hoje há a busca de uma narrativa mais imbricada no território em que se insere, tanto no diálogo de sua fronteira, como na dimensão antropológica no relato de indivíduos” (CRIPPA, 2016). Desta forma, o objeto no museu é indissociável das questões relacionadas à cultura, considerando as ações humanas como formas de sua expressão.

A antropologia e a arqueologia são algumas das áreas que se aproximam da museologia, principalmente quando está em voga o objeto. “Os aspectos da nova arqueologia ou arqueologia processual e analítica, observam as sociedades como sistemas culturais completos, inter-relacionados com o meio ambiente e que desenvolvem conjuntos da cultura materiais e imateriais” (USILLOS, 2010, p.62). A arqueologia processual pode, portanto, abranger o museu, dando suporte para a exploração das mais diversas coleções. Do mesmo modo, é a antropologia que, ao analisar o papel dos objetos materiais na vida social, mostra como sua função também é a da comunicação, dando destaque aos “sinais diacríticos de posição e identidades” (GONÇALVES, 2007, p. 21), que expressam parte de um sistema que é condição de vida.

Alinhando-se ao pensamento de que “a inserção do objeto no Museu define um universo dialógico de motivações, expectativas e estratégias, que implicam em deslocamentos e associações que escapam ao acaso e que só o museu pode oferecer poderosamente” (MENEZES, 1994, p. 31), deduzimos que as trocas simbólicas derivadas do tratamento museológico, atuam de modo a agregar valores às peças sem, contudo, anular a sua história anterior.

Outro aspecto a destacar é a relação do objeto com o passado. O tempo, que transforma todas as coisas, para o objeto, atua como mantenedor, pois através dele se revive um determinado momento. A ligação com o passado, proporcionada pela peça, faz com que através de uma peça, o tempo presente se perpetue para todo o sempre. “É de fato curioso organizar, por antecipação, uma ‘arqueologia dos objetos’. Provavelmente, isso se dá como efeito de uma lógica patrimonial que não se contenta mais em preservar o passado” (JEUDY, 2005, p. 46).

O objeto, assim constitui um indício de que é responsável por marcar diferenças entre as culturas ao longo do tempo, de algum modo, “os remanescentes do passado, assim como as diferentes culturas, tenderiam a serem apagados e substituídos por um espaço marcado pela uniformidade” (GONÇALVES, 2006, p. 22). No entanto, no museu, mais do que peças que nos permitem contatar o passado, os objetos funcionam como signos. “Passam a significar o tempo, não o tempo real, mas seus indícios culturais que, mesmo sem função, são signos” (CASTRO, 2009, p. 87), e tem como efeito a criação de interpretações sobre um tempo histórico vivido.

2.1 Organização do Conhecimento e Representação no Museu, uma Experiência

A história do objeto não se interrompe quando este passa a fazer parte da coleção de um museu. Os objetos são recodificados e continuam a servir como referência cultural. As informações agregadas na descrição dos objetos têm a função de enfatizar seus contextos, bem como destacar seu valor histórico.

A coleção africana do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, fundado em Salvador em 1982, por exemplo, foi adquirida no continente africano pelo etnólogo Pierre Verger, neste caso, os objetos atuam para além de representantes referenciais das suas culturas de origem, tornando-se, ao longo do tempo, mensageiros, porta-vozes das pesquisas do próprio Verger.

A coleção de objetos em cerâmica da etnia fon, um dos principais grupos étnicos da África Ocidental, no sul do Benin e no sul do Togo, que em sua origem atuava com a função de representar oferendas relativas ao universo feminino do parto, ilustra tal situação. Nela, observa-se que para cada tipo de parto existe um objeto confeccionado com características físicas distintas, de modo a ser identificado facilmente, como no caso da representação do nascimento de gêmeos de sexos diferentes, ilustrado por um pequeno bastão que possui nas extremidades orifícios voltados para sentidos opostos, para cima e para baixo.

Figura 1: Peça da etnia fon, representando parto de gêmeos de sexo diferente.



Fonte: MAFRO/UFBA.

No caso da coleção em questão, além do seu significado cultural, seus objetos também são testemunhos do percurso trilhado por Verger em suas pesquisas junto aos povos fons ou fon nu, que integram um dos principais grupos étnicos do sul do Benin, na África Ocidental. Os objetos testemunham um roteiro estabelecido por Verger para compor o universo representativo da exposição do Museu Afro-Brasileiro.

Os objetos trazidos por Verger deveriam ilustrar um momento da vida e das tradições africanas nos anos 1970. No entanto cabe perguntar se o cenário criado por estas peças representaria hoje ainda a realidade das comunidades retratadas, ou seria algo relativo a um passado preservado no Museu e, portanto, sem relação com o presente?

A resposta à questão demanda a contextualização das próprias ações do Museu relativas a essas peças, de fato, o modo como se apresentavam anteriormente à organização efetiva da documentação do museu. As informações disponíveis sobre as peças expostas não permitiam identificar convenientemente o contexto de sua produção e, portanto, não reunia condições de responder à questão. Tal situação, no entanto, foi alterada com a implementação de um novo sistema de gestão das informações da instituição que, ao utilizar procedimentos de organização da documentação, trouxe à luz um conjunto de dados que permitiu entender os objetos expostos enquanto parte de outras narrativas agregadas a eles pelas decisões tomadas por Pierre Verger e intencionalmente ocultadas da memória oficial da instituição. Nesse processo, cujo objetivo era organizar o acervo e conseqüentemente, estruturar a informação e as possibilidades de comunicação sobre o acervo, observou-se também, a importância de resgatar as informações simbólicas que poderiam dizer mais a respeito do acervo. De fato,

[...] a importância de uma reflexão sobre a constituição de uma memória para o futuro que, inevitavelmente, envolve os processos de documentação não somente da materialidade/imaterialidade dos objetos, como também das mudanças de sua organização simbólica nas transformações conceituais do sistema museu dentro de um contexto informacional de acesso e fluxo (CRIPPA, 2010, p. 28).

A organização e a representação do conhecimento, a partir de ações de documentação em museus, não se restringem a simples registro físico das peças. Necessário considerar a importância das informações que respondem pelo contexto de coleta das obras de modo a garantir simultaneamente a representação de outras narrativas muitas vezes ocultas em função de escolhas políticas. A gestão da informação neste caso específico, não poderia ter se omitido às escolhas feitas por Pierre Verger no processo de recolha de material em suas viagens a África.

A alteração dos processos de gestão permitem, toda via, à medida em que as descrições são feitas de forma mais exaustivas e ao tempo em que novas informações vão sendo encontradas durante a pesquisa, fomentar, na instituição um interesse em buscar os documentos referentes ao acervo e que estão sob a guarda de outras instituições tais como a Fundação Pierre Verger e o Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia.

A incorporação das “narrativas” de Verger aos objetos, interferiu no status “sacralizado” das peças que lá estão. Na ausência de informações sobre as peças, uma parte considerável de informações sobre os seus contextos originais estariam comprometidas. O trabalho da documentação, por tanto, tem de ser exaustivo, de modo a integrar às descrições das peças um conjunto de informações que permita, tanto quanto possível, responder pela sua história e significado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção do objeto no espaço museológico é uma ação que faz parte da linha tradicional da formação das coleções, ponto importante quando está em voga a formação de acervos de etnologia. Tal linha considera a importância de contextualizar os objetos relativamente aos seus lugares de origem.

Ao expor os manuscritos de Verger por detrás dos objetos e os contextos de produção dos mesmos, são alcançadas representações mais consistentes, bem como asseguradas condições para que sua representação funcione efetivamente como signo.

Quarenta anos após a aquisição das peças, as referências sobre elas devem trazer elementos importantes para compor o imaginário e a memória coletiva das comunidades das quais têm

origem os objetos. Dificilmente alcançaríamos a amplitude de descrição possível relativa à época em que se fez a coleta.

Debruçados na janela aberta através dos objetos, observamos o passado como um espelho que reflete os antepassados e nos oferece uma imagem próxima, obviamente não similar, mas que funciona como um índice cultural. As peças, sua contextualização via documentação, são documentos representações. Não são espelhos, mas signos a partir dos quais se desenvolve a memória.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Semantica del Objecto**. Biblioteca Amanuense. Exlibris, 2005. 1-6 p. Disponível em: <http://mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/semanticadelobjeto.pdf> acesso em: 06 de set. 2017
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In.: GRANATO, Marcos. RANGEL, Marcio R. (org). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro. Museu de Astronomia e ciências afins. MAST. 2009, V. 1, p.14-25.
- CASTRO, Ana Lúcia de Siaines. **O Museu do Sagrado ao Segredo**. Rio de Janeiro. Ed. Revan. 2009. 196 p.
- CRIPPA, Giulia. A faceta humanística da informação: ordem e memória do/no museu. In: Seminário Serviço de Informação em Museu. **Anais eletrônico...** São Paulo. 2010. P. 23-32. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/publicacoes/index.php/sim/article/view/7/6> acesso em: 05 de set. 2017
- _____. Museus e linguagem: uma análise semiótica das interações entre museu e cidades. **Estudos Narrativos: componentes interdisciplinares**. V. 26, n. 53. Julho/dezembro 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11729/7160> acesso em: 06 de set. 2017
- GONÇALVES, J.R. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. IPHAN, 1996. 156 p.
- _____. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Ed. Garamond. Rio de Janeiro. 2007. 256 p.
- JEUDY, Henri Pierre. **O espelho das cidades**. Trad.: Rejane Janowitz. Ed. Casa da Palavra. 2005. 157p.
- LUND, Niels Windfeld. Document Theory. **Annual Review of information Science and technology**. V. 43, n. 1, p. 1-55. 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/aris.2009.1440430116/full> acesso em: 06 de set. 2017

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. São Paulo: **Anais do Museu Paulista**. N. Ser, v.2, p. 9-42. Jan./dez., 1994.

OTLET, Paul. **El Tratado de la Documentación**. Tradução: Maria Dolores Ayuso Garcia. Murcia. Cidade: editora, 1934.

SMIT, Johanna W. A Documentação e suas diversas abordagens. In: **Documentação em Museus**. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro: MAST, 2008, 230p. (MAST Colloquia;10).

USILLOS Andrés Gutierrez. **Museologia y Documentacion**. Espanha: Trea, 2010. 208p.